

DOSSIÊ – ENSAIOS

ESQUIZOESCRITURADAS: EXPERIMENTAÇÕES DE UM DEVIR-MATILHA

SCHIZOWRITTEN: EXPERIMENTATION FROM A *DEVENIR- LOUP*

ESQUIZOESCRITOS: EXPERIMENTACIONES DE UN *DEVENIR-MANADA*

Branca Regina Chedid¹
Carine Capra-Ramos²
Douglas Ostruca³
Felipe Silveira da Costa⁴
Gianini Sabina Walczak⁵
Natália da Fonseca Bossle⁶

A partir de vivências compartilhadas em grupo no curso “Esquizoanálise: ferramentas-conceito na potencialização das práticas sociais e institucionais”, fomos levadas a um processo de escritura coletiva sobre as processualidades que atravessaram nosso percurso — materializado neste ensaio. O curso em questão contou com a participação de dez⁷ inscritos/as e foi oferecido pelo Instituto de Psicologia Social de Porto Alegre Pichon-Rivière entre 25 de abril e 29 de agosto de 2020, coordenado por Branca Regina Chedid e Felipe Silveira da Costa. Como materiais de base para a composição deste ensaio, temos notas sobre os diálogos decorridos em cada encontro e o registro dos desdobramentos realizado em um Fórum privado do grupo⁸, o qual funcionou como dispositivo para reverberações. Além disso, também contamos com notas de seis encontros realizados após o término do curso, os quais tiveram como tema condutor o processo de escrita em si.

De modo geral, partimos das reflexões sobre a noção de esquizoanálise, indicando um conjunto de questões que mobilizaram a escrita deste texto. No segundo tópico, incluímos um excerto das interações realizadas no Fórum, ainda com enfoque sobre os materiais teóricos estudados. Num terceiro momento, apresentamos experimentações coletivas realizadas pelo grupo, incluindo enunciações de caráter singular, por isso a variação para o pronome em primeira pessoa com itálico nesses casos. Por fim, inserem-se algumas pistas metodológicas e discussões sobre o processo de escrita coletiva do qual emerge o presente trabalho.

¹ PUCRS.

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

³ PUCRS.

⁴ UFC.

⁵ Uniasselvi.

⁶ Centro Universitário da Serra Gaúcha.

⁷ Ana Ester Maria Melo Moreira; Carine Capra Ramos; Cristian da Cruz Chiabotto; Douglas Henrique Ostruca dos Santos; Gianini Sabina Walczak; Luise Toledo Kern; Manuelle Teixeira Bica; Natália da Fonseca Bossle; Rafaela Deise Giacomelli; Raul Lisandro Cardoso.

⁸ Nesse Fórum, a cada encontro os/as coordenadores/as do grupo disparavam atividades propositivas com base nos textos estudados, as quais ficaram registradas no site como tópicos (1. Introdução à esquizoanálise; 2. Produção de subjetividade no cotidiano; 3. Reverberando encontros na vida-teoria; 4. Linhas e planos na vida; 5. Fluxos de desejo na comunidade escolar; 6. Como criar para si um corpo sem órgãos?; 7. O comum como lugar de resistência; 8. Fanzine das histórias de vida; 9. Conversando sobre planos de imanência na vida; 10. Cartografia no/do caminho).

Nosso propósito com o curso de esquizoanálise é também trabalhar na perspectiva da desconstrução do conceito de curso. Estamos apostando na possibilidade de construção de uma cartografia, incluindo o uso dos recursos pedagógicos no processo de aprendizagem. Parodiando Magritte⁹ ao dizer que “isto não é um curso”, entendemos que o objetivo não é *formar* esquizoanalistas. Buscamos operar num comum forjado em agenciamentos coletivos de expressão singulares.

Pensamos que a esquizoanálise como ferramenta política e social é repleta de possibilidades, múltipla por seu caráter de experimentação e intensificação dos processos de criação. Conforme sublinhado por Ian Buchanan (2013), essa perspectiva teórica é um projeto incompleto, ela “escorre pelas mãos”, não havendo verdade absoluta nem modelo prescritivo. É mais sobre fazer vizinhança com processos que podem caotizar o instituído do que sobre formas pré-estabelecidas do pensar, agir, viver (ROLNIK, 2016). Sendo assim, as vivências esquizoanalíticas, enquanto processos abertos, podem criar rupturas nos modos cristalizados de vida.

Nossa percepção é marcada pela predominância de uma lógica racional, ajustada às formas de dominação por meio dos saberes e poderes que organizam o desejo e os corpos. Estamos habituadas a uma ideia de corpo material, biológico, articulado, moldado, idealizado, assujeitado – o corpo da servidão... Em vista disso, entre as questões que nos guiam estão: Como quebrar com a redução da experiência subjetiva à lógica racionalista, visando acessar e intensificar a potência dos corpos? Como tensionar a predominância do registro pessoal centrado num “eu” com nome próprio, deixando passar as intensidades pré-individuais que atravessam e compõem os corpos?

Apostamos na reflexão de Félix Guattari (1981) que foi lida em um dos nossos encontros:

Por enquanto, é de pouca utilidade traçar planos sobre o que deveria ser a sociedade de amanhã, a produção, o Estado ou não, o Partido ou não, a família ou não, quando na verdade não há ninguém para servir de suporte à enunciação de alguma coisa a respeito. Os enunciados continuarão a flutuar no vazio, indecisos, enquanto agentes coletivos de enunciação não forem capazes de explorar as coisas na realidade, **enquanto não dispusermos de nenhum meio de recuo em relação à ideologia dominante, que nos gruda na pele, que fala de si mesma em nós mesmos**, que, apesar da gente, nos leva para as piores besteiras, as piores repetições e tende a fazer com que sejamos sempre derrotados nos mesmos caminhos já trilhados (GUATTARI, 1981, p. 17-18, grifo nosso).

Compreendemos esse “recuo” de que fala o autor não num sentido de estagnação ou passividade, mas como uma análise dos afetos que atravessam os corpos, incluindo nisso os microfascismos. Juntas com Agamben (2009), podemos dizer que se trata de olhar para as sombras do presente, ou seja, dar um passo atrás em relação à realidade que se propõe como dada. Em outros termos, permitir-se ser afetada pela luz das estrelas que, por se distanciar com tanta velocidade, só nos chega como escuridão, forças em vias de se atualizar.

Ademais, entendemos que esses recuos de nós mesmos também não são um vigiar a si mesmo e aos outros com base em um julgamento moral – para isso já existem os confessionários, conforme nos ensina Michel Foucault (2015). Nesse caso, através desse recuo, o interessante é flagrar-se em ato de julgamento, de autovigilância, sem tratar isso como algo bom ou mau. Por esse meio, é possível dar-se conta de que existem diferentes modos de usar a linguagem, nos termos de Gilles Deleuze e Félix Guattari (2011a), distintos “regimes de signos” dos quais decorrem um tipo de pensamento, um modo de vida que se configura. Portanto, é

⁹ Trata-se do quadro “*Ceci n'est pas un pipe*” do artista surrealista belga René Magritte.

importante perceber o que em nossas relações se apresenta como coágulo, como aquilo que bloqueia a passagem dos fluxos (ROLNIK, 2016; GUATTARI, ROLNIK, 1996).

Como endereçar esses afetos ao coletivo? Conforme já sugerido, começamos por nós mesmas, o que requer coragem. Entre fluxos acelerados e falatórios, criar vacúolos de silêncio (DELEUZE, 2013). Fomos tomadas pelo acontecimento da pandemia que revirou o nosso cotidiano habitual e nos defrontou impiedosamente com uma crise desestabilizadora. Uma fratura na coluna do tempo, diria Agamben (2009). São tempos de incertezas, ansiedades e medos. Diante disso, nos perguntamos: como compor dispositivos coletivos de experimentação considerando esse contexto da pandemia de COVID-19¹⁰?

O isolamento social coloca a necessidade de uma análise crítica do mundo capaz de operar transformações no modo de produção de subjetividade capitalística, e nos caminhos que vamos percorrendo enquanto corpos atravessados por forças coletivas. Desenvolver procedimentos de autoanálise das relações em grupo parece um caminho potente para a vida. Desidentificar-se de um eu reduzido a si mesmo para, então, abrir espaço de produção ativa, de cocriação e invenção da realidade. Esse é um grande ato na revolução molecular, voltar a atenção ao que se manifesta no presente, para o que está em processo. É preciso não tomar as coisas como já dadas, evidenciando o que nelas se movimenta, suas linhas de composição (GUATTARI, 1981; ROLNIK, 2016).

Como agenciar e contagiar nesse nosso contemporâneo – veloz e incessante – fluxos de autonomia potentes? Quais são as nossas prisões, as serializações? Onde temos oportunidade de intensificar outras maneiras de estar na vida? Como escutar o que nos dizem esses corpos de passagem¹¹? São perguntas do processo de autoanálise grupal que tratam do reconhecimento de como se dá a imanência na vida. Trata-se de cartografar as linhas de segmentaridade duras, flexíveis e de fuga na implicação com os territórios existenciais que nos atravessam (DELEUZE, GUATTARI, 2012a; DELEUZE, PARNET, 1998).

Diante das questões levantadas, destacamos o desafio de criar fluxos de produção de vida para além dos padrões pré-estabelecidos que nos aprisionam. Nesse sentido, os caminhos errantes experimentados nesse percurso não se pautam pela certeza, mas pela produção desejanse de realidades desde um referencial ético, estético e político. Trata-se da capacidade de transformação da/na vida (ROLNIK, 2016; NEVES, 2009).

Na partilha das notas coletivas de um devir-matilha (DELEUZE, GUATTARI, 2012b) percebemos afetações, fertilidades, potências do novo... No entre corpos dos nossos encontros são produzidas múltiplas reinvenções, atualizações e agenciamentos que possibilitam a passagem de intensidades e fluxos. Deseja-se em um conjunto, em um coletivo, em uma paisagem. O desejo é um entre, afirmação, revolução, construção de “realidades” insubordinadas (BAREMBLITT, 2014), criativas e inventivas em contínua criação.

Entre os disparadores para essas notas, os/as coordenadores/as inserem no Fórum¹² a seguinte citação de Félix Guattari e Suely Rolnik (1996):

¹⁰ Cabe ressaltar que o desenrolar do curso aconteceu no transcorrer da pandemia de COVID-19 em 2020, quando foram convocadas medidas de isolamento físico como forma de proteção à saúde da população, o que determinou o formato online como único possível.

¹¹ Um corpo de passagem é espaço intersticial, corpo caminho que se compõe entre idas e vindas, corpo múltiplo e aberto a conexões insólitas com os diferentes corpos do mundo (SANT’ANNA, 2004; 2001).

¹² Trata-se do tópico “Produção de subjetividade no cotidiano” publicado no Fórum privado do grupo no dia 25 de maio de 2020.

Uma prática política que persiga a subversão da subjetividade de modo a permitir um agenciamento de singularidades desejanças deve investir no próprio coração da subjetividade dominante, produzindo um jogo que a revela, ao invés de denunciá-la. Isso quer dizer que, ao invés de pretendermos a liberdade (noção indissolúvelmente ligada à de consciência), temos de retomar o espaço da farsa, produzindo, inventando, subjetividades delirantes que, num embate com a subjetividade capitalística, a façam desmoronar. (GUATTARI, ROLNIK, p. 30, 1996).

Em vista disso, convidamos vocês a: 1. Pensar em uma situação problemática em que visualizem a expressão de uma produção de subjetividade hegemônica em contextos do cotidiano (casa, formação, trabalho, família, amigos, rua...); 2. Propor alternativa(s) de intervenção prática na tentativa de torção da mesma; 3. Escolher ferramentas-conceitos propostos no âmbito da produção de subjetividade que contribuíram na abordagem a ser feita e falar um pouco sobre ela.

Uma subjetividade que percebo rondando o âmbito acadêmico, seja na escola ou na universidade, é aquela que através da cobrança por uma dívida infinita nos faz trabalhar incansavelmente. Na escola ela se manifesta na responsabilidade produzida por fazer a tarefa de casa; na imposição de uma organização das atividades para melhor aproveitar o tempo; na necessidade de chegar sempre no horário e cumprir com os prazos; no aprimoramento para copiar as letras do quadro cada vez mais rápido; na importância dada para a manutenção de notas altas; entre outras atividades que funcionam como treino e como produção de processos de subjetivação capitalísticos.

Já na universidade, não é preciso alguém cobrando o tempo todo, o pesquisador-indivíduo já se cobra por si mesmo, organiza suas atividades em uma rotina, lida com os prazos – mesmo que para isso às vezes seja preciso medicação para ansiedade e um chicote para a penalização do fracasso. A dívida como falta infinita aprisiona os corpos num tempo vertiginoso de produção incessante. Esse modo de subjetivação reforça a individualização e a atividade de pesquisa corre o risco de desenvolver-se à parte do comum.

A todo momento nos deparamos com diferentes manifestações dos regimes da dívida que nos estruturam de modo a reforçar processos de submissão e interromper fluxos vitais. Em relação a essas questões, Byung-Chul Han (2015) compreende que:

A sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho. Também seus habitantes não se chamam mais de “sujeitos de obediência”, mas sujeitos de desempenho e produção. São empresários de si mesmos [...]. [Na sociedade de desempenho], no lugar da proibição, mandamento ou lei, entram projeto, iniciativa e motivação. A sociedade disciplinar ainda está denominada pelo não. Sua negatividade gera loucos e delinquentes. A sociedade do desempenho, ao contrário, produz depressivos e fracassados. A mudança de paradigma da sociedade disciplinar para a sociedade de desempenho aponta para a continuidade de um nível. Já que habita, naturalmente, o inconsciente social, o desejo de maximizar a produção [...] (BYUNG-CHUL HAN, 2015, p. 14-15).

Nesse sentido, penso no excesso de informações, de sobrecarga, de desempenhos que produzem infartos psíquicos. Existe uma certa pressão de desempenho das pessoas, por mais que elas tenham liberdade para desenvolver seus trabalhos, não deixa de ser uma produção para servir

o sistema. Nossos desejos são modulados em prol do CISTema¹³, parece que isso está tão enraizado que não nos permitimos produzir sem pensar na ideia de um produto. O prazer em fazer as coisas é despedaçado, o desafio e exercício é constituir uma singularidade fazendo as coisas por prazer e não somente por dever. Tudo o que faço com verdadeiro desejo é incrivelmente mais gostoso. Quando toco violão porque estou com vontade, a canção que escolho e a voz sai muito mais afinada.

É de extrema importância nos permitirmos ao lúdico sem as preocupações, esquecer os deveres, e deixar os devires, deixar os fluxos correrem, sair da rigidez, nem que seja dez minutos do dia. Não saberia dizer qual a pista para essa flexibilidade, mas talvez a meditação e o yoga deixem os pensamentos fluírem, talvez colocar um jazz e deixar a música rolar, sentir o que o corpo está necessitando. Quem sabe, diante desses incômodos, as próprias dinâmicas esquizoanalíticas sejam capazes de arejar esses territórios instituídos.

Nossos encontros foram uma via para experimentar afetos, acordar o corpo para as sensibilidades e intensidades que o agitam, dando vazão a estranhas sensações através de distintas formas de expressão. Sair do campo da razão e apurar a capacidade de experimentação e transformações constantes. Abrir-se às composições atravessando limiares sensíveis por meio da escrita, yoga, arte... São forças que passam pelos corpos e abrem novos horizontes. Encontros que permitem o cultivo coletivo de um corpo intensivo, corpo vibrátil, capaz de potencializar a vida e liberá-la dos constrangimentos em modelos e rostidades estanques.

Conforme mencionado anteriormente, a experimentação é um dos recursos que utilizamos¹⁴. Como tarefa positiva¹⁵, percebemos que a escrita pode fazer nutrir e florescer desejos de seguir em movimento. Arrastadas por um devir-matilha, traçamos percursos floresta adentro. É no encontro que a atividade de implicação se faz evidente, quando juntas compomos um canteiro que devém matilha, uma matilha encantada. Em suas diferenças, as narrativas que brotam tornam-se memória coletiva, memória de grupo e memórias comuns.

Apesar da ausência de encontros presenciais em um mesmo espaço físico, ainda assim, houve troca, relação e espaço fértil para germinações. O desafio de encarar uma experiência diferente era um receio no princípio, o qual foi expresso pelo grupo numa questão: será que vai ser tão interessante quanto pessoalmente? Descobre-se aos poucos que não se trata de uma experiência melhor ou pior, apenas diferente, com diferentes potencialidades e dificuldades.

*Fico pensando no meu trabalho enquanto residente em saúde mental, uma vez que ocupar este espaço do Sistema Único de Saúde (SUS), em um momento de pandemia, nos coloca frente a diversas (im)possibilidades de práticas. Há uma parada de fluxo, um corte no tempo em que todos precisamos parar. Diversos dias me peguei estático no trabalho, e pensei: **por que não fazer recortes e colagens? Me lembro deste conceito de bricoleur (bricolagem) – um trabalho com as mãos, que produz outras suavidades, outros cortes e rupturas. É possível na bricolagem criar!***

¹³ CISTema faz menção a uma lógica cis heteronormativa hegemônica (LEAL, 2020; NASCIMENTO, 2021).

¹⁴ Essa seção tem como base os compartilhamentos no tópico “3. Reverberando encontros na vida-teoria”, publicado em 10 de maio de 2020, com a seguinte proposta: “Neste Fórum, cada dupla sorteada no último encontro conversará sobre encontros significativos vivenciados, de qualquer natureza – quer em suas fragilidades, quer em suas potências, procurando relacioná-los com os textos disponibilizados, nossas conversas durante a videoconferência e as “pistas-ferramentas-conceito [...]”.

¹⁵ Conforme Deleuze e Guattari (2011b) e a leitura de Gregório Baremlitt, Margarete Amorin e Domenico Hur (2020), a prática da Esquizoanálise é composta por dois tipos de tarefas: *negativas e positivas*. A primeira implica a observação crítica, a raspagem, a demolição das lógicas de funcionamento que regem a composição de equipamentos e artefatos enrijecidos. Já a segunda envolve a invenção de relações, modos de viver, expressões artísticas etc., através de processos de experimentação. As duas tarefas estão intrincadas uma na outra.

Inspiradas nisso, o dispositivo de escrita se prolifera em outras formas de expressão possíveis, o que pode ser observado por meio das figuras a seguir.



FIGURA 1 – Colagem produzida por Cristian – Fonte: Instituto de Psicologia Social de Porto Alegre Pichon-Rivière



FIGURA 2 – Colagem produzida por Luise – Fonte: Instituto de Psicologia Social de Porto Alegre Pichon-Rivière

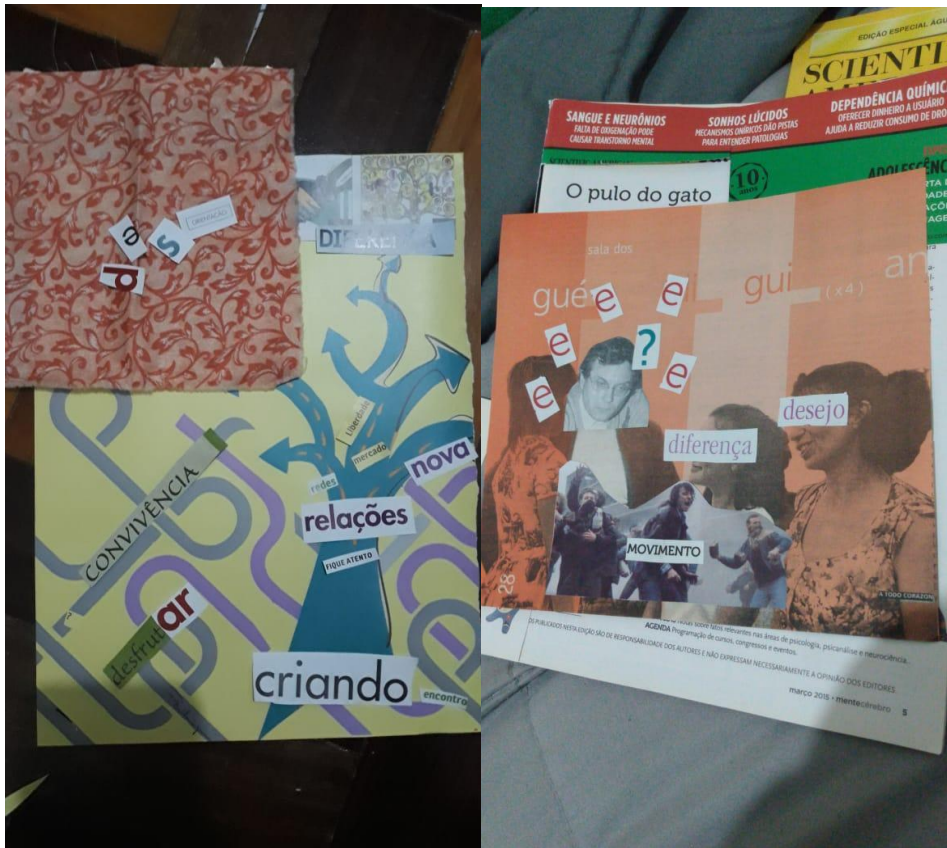


FIGURA 3 – Colagem produzida por Cristian e Carine – Fonte: Instituto de Psicologia Social de Porto Alegre Pichon-Rivière

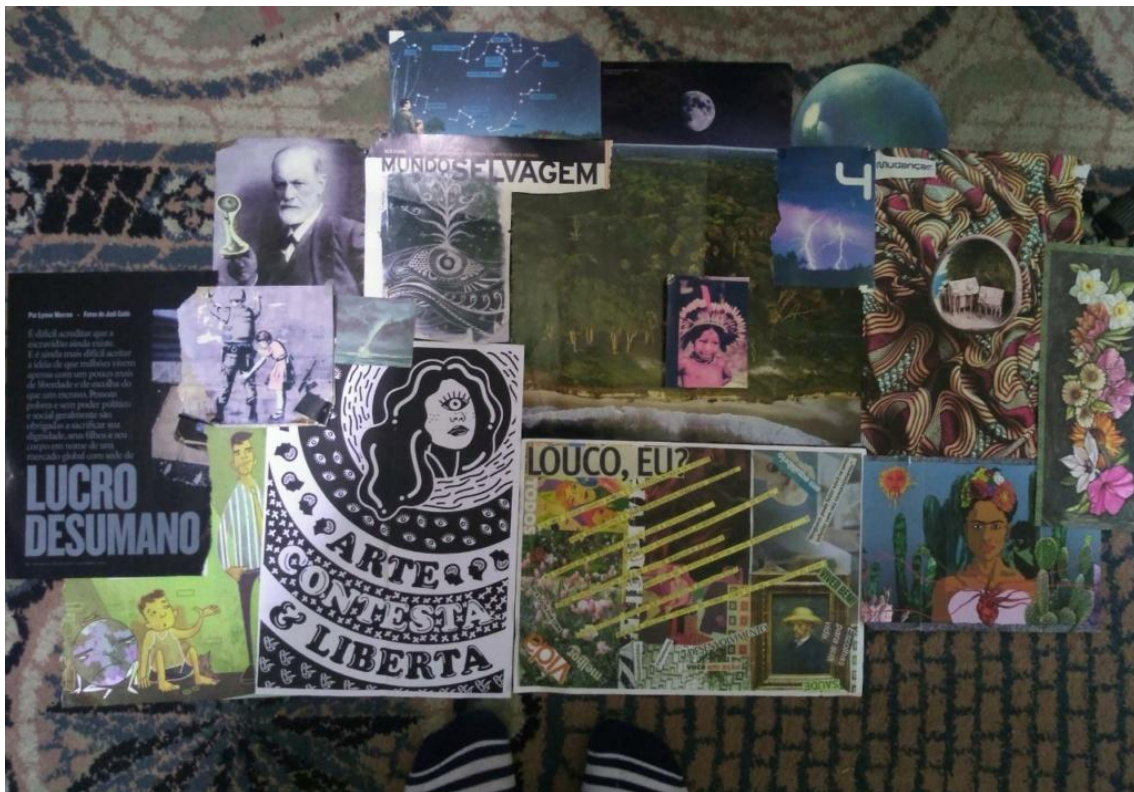


FIGURA 4 – Colagem produzida por Natália – Fonte: Instituto de Psicologia Social de Porto Alegre Pichon-Rivière



FIGURA 5 – Colagem produzida por Luise e Raul – Fonte: Instituto de Psicologia Social de Porto Alegre Pichon-Rivière

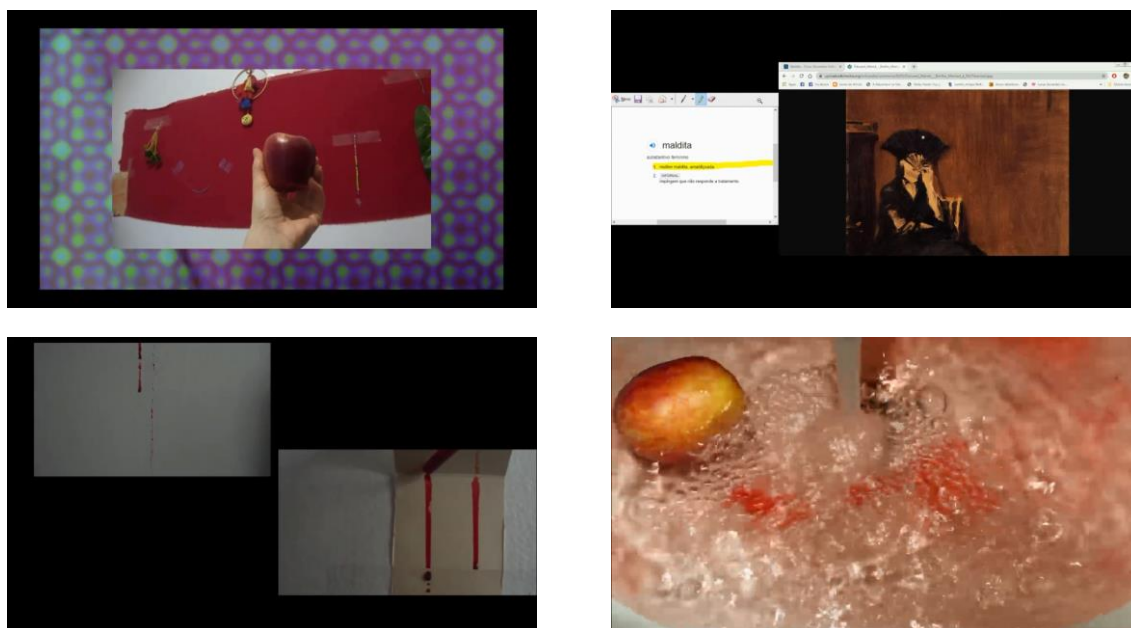


FIGURA 6 – Frames do audiovisual produzido por Rafaela – Fonte: Instituto de Psicologia Social de Porto Alegre Pichon-Rivière

Abre, não cabe!
(Loba Maldita, 2020)

Vou sair em excesso,
ter acesso em desejo,
criar com o mundo,
expressar sem calar.

Vou romper pelo escuro,
vislumbrar em delírio,
encontrar com os fluxos,
dançar sem parar.

Vou manifestar num bicho,
gritar pelo arcaico,
talhar as sombras,
explodir sem esperar.

Abre, não cabe!

*Sabendo que as rupturas quebram a lógica linear, procuro fazer proliferar conexões.
Jogo de cintura! Que tal?*

Confesso que ando um pouco confusa e desanimada, por horas sinto um suspiro de expansão e logo passa, mas na maior parte do tempo são confusão e desânimo que me compõem nesse momento. Decidi parar de guerrear com esses afetos! Em estando presentes e percebendo as suas presenças, como posso puxar um fio fazedor de sentidos para além da sensação de sufocamento? Estou lembrando agora sobre a parte da obscuridade do texto de Agamben que lemos no grupo:

Contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente [...]. O escuro não é,

portanto, um conceito privativo, a simples ausência da luz, algo como uma não-visão, mas o resultado da atividade das off-cells. (AGAMBEN, 2009, p. 63).

Legal encontrar esse trecho, talvez uma pista de que se aproximar do escuro possa ser a ação que o nosso momento pede!! Escuro enquanto ação!!!

Estou apostando demais nos nossos encontros, desmanchando a vontade por autorias porque confio no processo desse coletivo! Espero que estejas te sentindo potente, com o caminho de ancorar no presente aberto. Seguimos?

Escrever pode ser um ato de resistência. Ato de liberar a vida ali onde ela está aprisionada, nos diria Deleuze. Fico pensando que tecer a arte da escrita nesses tempos que vivemos não é nada fácil. Nosso ar está rarefeito, estamos sendo subjetivadas pela lógica da exploração da nossa vida, criatividade e invenção. O capitalismo tomou nossas pulsões criativas, nossa potência vital.

Têm sido mágicos esses encontros! Falo daquele mágico rústico, raiz, conectado com seu tempo e espaço. A magia que circula, que ampara, escuta e colore a vida! Encontro que desfaz as tensões que bloqueiam o fluir da vida, abre espaço (e...e... e...), criam caminhos alternativos. Lembrei de uma passagem de Krenak que foi reavivada no nosso último encontro – sobre um rio no Vale do Rio Doce que aparentemente estava morto, mas que por baixo da terra havia reinventado uma rota para seguir jorrando água (ROLNIK, 2018). Por vezes sinto nossos encontros assim, um reinventador de percursos que não param de se proliferar!!!

Foi massa fazer a bricolagem, obrigada pela sugestão. Sentei no chão, rodeada de materiais que me lembram a época de infância (não precisava ser assim, mas né...). Me senti reinventando rotas, pensando no lance que tu trouxeste sobre o capitalismo tomar as nossas pulsões criativas e me senti recusando ser roubada. Se a gente soubesse a potência que temos na recusa em nos subjetivarmos e nos rebelássemos, no sentido tratado no nosso encontro... O que restaria? Seria esse o pulo do gato que tua bricolagem propõe??? Seguimos!!!

Pensamos que um dos convites da esquizoanálise é criar dispositivos de invenção e reinventá-los quantas vezes for preciso! Sem práticas clínicas dominantes se impondo e fechando os caminhos para novas possibilidades, novos modos de ser decorrentes de processos de singularização subjetiva. Trazemos como exemplo uma experiência da qual participamos num grupo do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS). Trata-se da construção de uma horta coletiva que hoje retorna como potência, atualizando-se em nosso grupo como devir-canteiro e se torna devir-matilha.

Ao perceber que um dos usuários internado por alcoolismo nunca participava, estava sempre deprimido, então me aproximo e pergunto através de uma escuta sensível: “Qual sua profissão?” Ele responde: “Fui marceneiro por 40 anos em minha vida”. Foi então que eu pensei: Preciso de um martelo, serrote, madeiras e pregos para que este usuário participe! No encontro seguinte eu já estava com todas as ferramentas de marcenaria, percebi que os olhos do homem brilharam, aí está um processo de reinvenção! Neste dia este usuário roubou a cena do grupo, naquele momento ele deixou de ser usuário e virou professor dos outros 21 que estavam ali, com seu saber transformou madeiras em réguas e em uma hora construiu uma mesa junto com os demais. O que estava ali agora não era mais o dependente químico, mas sim um marceneiro-professor que teve oportunidade de compartilhar seus conhecimentos com o grupo. Eu fiquei muito feliz, pois através disso foram produzidas outras conexões gerando um espaço comum, o que envolvia marcenaria era com ele, o que envolvia pintura era com outro e assim TODOS participaram construindo juntos aquele singular canteiro.

Desbloquear fluxos é uma ação coletiva que nos convida a perguntar: como agir? Com quais fluxos? É nas estranhezas que percebemos o que foge do nosso controle, os afectos que passam em cada momento criando novas possibilidades para perceber os sentidos e os modos de agir. Devemos, então, traçar máquinas abstratas em que o objetivo é avaliar as escolhas a cada momento com uma

bússola ética. Trata-se de rejeitar e selecionar através de um corpo intensivo que escolhe e repudia de acordo com o aumento ou diminuição da capacidade de afetar e ser afetado, de expandir e ir mais longe (ROLNIK, 2018). É preciso estar atento e forte, sensível e vulnerável. Por meio da experimentação, juntas, somos capazes de descobrir pontos de bloqueios e fixações, inventar modos que deem vazão a linhas de fuga do desejo bloqueado. Processos concomitantes de territorialização, desterritorialização e reterritorialização (DELEUZE, GUATTARI, 2011a) que podem ser expressas através do corpo na postura ustrasana inspirada no Yoga (Figura 7).



FIGURA 7 – Fotografia produzida por Carine – Fonte: Instituto de Psicologia Social de Porto Alegre Pichon-Rivière

Percebo o Yoga como um modo de estar no mundo, um espaço sistematizado e cuidado para soltar identidades prontas. Quando, ao se movimentar, se diluem os modos de vida pré-determinados a um mar de outras possibilidades, o que resta? Abertura a um campo de experimentação! Gesto de pausa... Silêncio – maestro de tudo o que existe, vazio que também nos habita. Yoga é um movimento que vai em direção aos modos de habitar o vazio. Quando encontramos as ervas que germinam em meio ao concreto, não nos contenta(re)mos só com a reprodução das identidades prontas! O Yoga percorre o espaço micro. Yoga é também lugar em que decorrem os desbloqueios de tensões promovendo um livre fluir pelas sensações que emergem no instante. O transcendental não está dentro, nem fora, é a construção de um espaço-tempo do aqui, espaço entre: “inspira...entre...expira...entre...inspira...entre...expira...entre...inspira...entre...expira...entre.”

..”. *Aqui e agora, pura imanência. O Yoga descondiciona práticas colonializad(or)as e intensifica as singularidades. Soltar e criar um corpo em moviment(ação)o. O que acontece quando se silencia os falatórios dos prontos processos de se estar no mundo? Criação, pausa, verbo que faz ver, desvela, conecta, gira e faz des-re-encontrar!*

Será que abrimos uma quarta sessão? A primeira é mais teórica, traz um momento em que ainda estávamos nos conhecendo. A segunda e a terceira já têm experimentação em ato. O que acham? Deixamos a primeira pessoa do singular, em determinados momentos, variando com a primeira pessoa do plural? O “eu” nada mais é do que o hábito de dizer eu. São os fluxos que movimentam o texto, selecionam, recortam, dão forma, são forças da matilha que gritam possuindo o corpo. Obra aberta na forma que há tempos rugiu para o autor, texto que se cria produzindo efeitos no corpo que tecla e, também, no que o lê (DELEUZE, GUATTARI, 2011a).

Existem desafios nessa costura montada por nós. Jogar fora ou não? Isso não é meu. Como mexer num texto coletivo se o gesto é meu? Então resolvi não mexer mais na estrutura, deixei ela ali. Até que no outro dia ela me olhou, me viu de dentro para fora, de fora para dentro, era uma matilha, uma matilha gritando louca em linhas aberrantes. O “eu” que impera em mim não pode silenciá-las, essas forças passaram com força quebrando os domínios do que era meu, tirando-me de mim, arrastando o corpo que gaguejava sem saber como falar aquela estranha língua. Agenciamentos coletivos de enunciação. São muitos os que falam quando o eu fala, ela me disse.

O texto estava vivo! Ele estava vivo enquanto eu ia escrevendo! Você acredita? Ele se mexia, as palavras se movimentavam e mudavam de forma, quando vi já era outra, já não era mais eu que lia e escrevia, eram outres. Matilha à solta. Câmbio, desligo.

Processo de atualização (DELEUZE, 1999) não é mera lembrança do já dito, mas produção, invenção de outras formas possíveis a partir de elementos os mais distintos. Bricolagem e possessão, criação de plano de consistência através da experiência comum. Desindividualização. Desidentificação. Sair da ilusão do eu que só sabe dizer “meu mundo de autor”. Matilha persistente, ela volta, cada um por seu caminho, um bando desviante retorna nesses encontros. Dito de outro modo, caminhamos pelo meio, retornando aos territórios potentes e novamente indo com o movimento que permanece em variação.

Procedimentos de curadoria, arranjo e rearranjo, montagem e lapidação, uma matilha de “ladrões *bricoleur*”. Gregório Barenblitt (1998, p. 60) afirma que “Deleuze e Guattari sustentam que o único ‘método’ é o do *bricoleur*, ou seja, o do selvagem que solitariamente limpa o solo em uma clareira da selva e se põe a juntar galhos, penas, pedras e acaba construindo um quadro [...]”. Nesse sentido, como metodologia, escrevemos por bricolagem, partimos de colagens, fotografias, poemas, pensamentos em fragmento, derivações, errâncias, palavras soltas que retornam como outras. Em nosso grupo, selvagem é esse devir-matilha que arrasta as fixações do modo indivíduo; fragmentos de passagem que recompostos retornam como novo, não é espelho, é produção de diferença a partir do encontro entre elementos heterogêneos.

Olha, lobo eu nunca vi, mas cachorros loucos no deserto às vezes se juntam, às vezes se separam, é como uma matilha, multiplicidade que se prolifera entre nós.

A partir de estudos de Denise Sant’Anna (2001) sobre a possessão, também é possível dizer que incorporamos em nosso método de trabalho alguns aspectos mencionados pela autora sobre o tema. Escrita como ato de entrega capaz de materializar processos que atravessam o espaço entre corpos através de uma ampliação da sensibilidade. Mistura traidora autorizada na partilha do comum; nisso, são os próprios corpos que se transformam em territórios de passagem para afetos movimentados pelo grupo ao longo dos encontros. É um exercício de não pessoalizar, trata-se de um

corpo coletivo composto pelos atravessamentos de tantos outros coletivos que passaram pelos corpos ali reunidos – devir-matilha. Fazemos uso de um ouvido apurado, cultivando uma escuta sensível, bússola ética capaz de apontar para encontros alegres, aqueles que fazem a gente (querer) brilhar.

Sobre isso de ser possuída, vocês sabem que senti isso uma vez ao não me reconhecer, ao sair do controle, me perder e ser arrastada por fluxos estranhos. Teve uma hora que eu me levantei, dei uma porrada no balcão e subiu um urro vindo do fundo da terra. Levantaram ao meu redor, diziam que eu estava louca. Perguntaram o que tinha me dado. Em fúria, as palavras saíram cortando como faca: Cala a boca! Eu quero ser atendida! Eu quero ser atendida! Eu juro para vocês, não me reconheci, não me reconheci! Aqueles fluxos intensos atravessaram e produziram sentido. Só para dizer dessa água não bebo, já bebi!

Lembrei daquele conceito do ato falho. Entendi que eu desviei, como se tivesse escutado outra coisa, como se falássemos algo e, e, e... Ela dizia de si que era crente ao invés de crítica, trocou as palavras. Ela escolheu crítica, mas não pude deixar de imaginar como seria se o caminho fosse pelo outro lado. Ato falho nesse sentido mesmo de produzir diferença. Lembra da velha surda na Praça é Nossa? Dispositivo de produção da diferença. Perder-se também é fazer um caminho, a gente desvia e eis que surgem caminhos outros por vir.

Nesse processo, criou-se um corpo coletivo do qual emerge o comum, eterno retorno da diferença, deixa-se o novo surgir e acolhe-se o caos desse momento. Práticas inventivas compartilhadas, criações mutantes no território vivo em que habitamos. São poucos os encontros que tenho com essa liberdade, sabe? Como diziam as nossas ancestrais: *É pra cima que se põe, é pra frente que se olha, não importam as entradas, desde que as saídas sejam múltiplas. Câmbio, desligo.*

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo e outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009.
- BAREMBLITT, Gregório; AMORIN, Margarete; HUR, Domenico. **Esquizodrama: teoria, método e técnica – Klínicas**. Belo Horizonte: Editora IGB, 2020.
- BAREMBLITT, Gregório. **Introdução à esquizoanálise**. Belo Horizonte: Instituto Félix Guattari, 1998.
- BAREMBLITT, Gregório. Presentación del Esquizodrama. **Teoría y Crítica de la Psicología**, México, n. 4, p. 17-26, 2014. Disponível em: <http://www.teocripsi.com/ojs/index.php/TCP/article/view/54>. Acesso em: 23 jun. 2021.
- BUCHANAN, Ian. Esquizoanálise: um projeto incompleto. In: DILLET, Benoit; McKENZIE, Iain; Porter, Robert (Ed.). **The Edinburgh Companion to Poststructuralism**. Reino Unido: Edinburgh University Press, 2013. p. 163-185.
- DELEUZE, Gilles. **Bergsonismo**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2013.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs vol. II**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011a.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs vol. III**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012a.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs vol. IV**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012b.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-édipo**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011b.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 4. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

GUATTARI, Félix. **Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo**. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

LEAL, Dodi Tavares Borges. A arte travesti é a única estética pós-apocalíptica possível? Pedagogias antiCISTêmicas da pandemia. **Pandemia Crítica**, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.n-ledicoes.org/textos/18>. Acesso em: 16 jul. 2021.

NASCIMENTO, Letícia. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

NEVES, Claudia Abbês Baêta. Gilles Deleuze e a Política: interferências nos modos de se estar nos verbos da vida. In: NASCIMENTO, Maria Lívia; TEDESCO, Sílvia. (Org.). **Ética e Subjetividade: novos impasses no contemporâneo**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 192-213.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2016.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea**. 3. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Vertigens do corpo e da clínica. In: FONSECA, Tânia Galli; ENGELMAN, Selda (Org.). **Corpo, arte e clínica**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2004.

Sobre os autores

Branca Regina Chedid é doutorande em Comunicação e mestre em Comunicação e Informação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Graduada em Cinema e Audiovisual pela Universidade Federal de Pelotas.

E-mail: brancarchedid@yahoo.com.br.

Carine Capra-Ramos é psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Especialista em Saúde Mental pelo Programa de Residência Integrada Multiprofissional da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

E-mail: carcapramos@gmail.com.

Douglas Ostruca é doutorande em Comunicação e mestre em Comunicação e Informação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Graduada em Cinema e Audiovisual pela Universidade Federal de Pelotas.

E-mail: douglas.ostruca@ufrgs.br.

Felipe Silveira da Costa é mestre em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), graduado em Medicina pela Universidade Federal do Ceará (UFC); especialista em Medicina de família e comunidade na Secretaria Municipal de Saúde (SMS) de Fortaleza e em Análise Institucional, Esquizoanálise e Esquizodrama pelo Instituto Félix Guattari/Gregório Baremlitt.

E-mail: felipecosta.ce@gmail.com.

Gianini Sabina Walczak é assistente social pela Uniasselvi.

E-mail: gianinisocial@gmail.com.

Natália da Fonseca Bossle é psicóloga graduada pelo Centro Universitário da Serra Gaúcha.

E-mail: nataliafbossle@gmail.com.